

Thérèse Hargot

Uma  
juventude  
Sexualmente  
liberta  
(ou quase)



PAULUS

*Ao homem da minha vida  
e a cada um dos meus filhos,  
sem os quais este livro teria sido escrito há dez anos,  
mas graças aos quais o fiz amadurecer.*

# Introdução

«Eh, minha senhora! É preciso testar a mercadoria!», lança-me Théo do fundo da sala de aula. As raparigas sorriem, parecendo incomodadas. Os rapazes, pelo seu lado, desatam a rir, pactuando com o descaramento do seu colega. «É verdade, quando somos novos, precisamos de ter experiências sexuais; assim, no dia em que encontrarmos a que nos convém, saberemos o que havemos de fazer», justifica o seu vizinho. São inacreditavelmente pragmáticos, os jovens de quinze anos. «Enfim, temos sobretudo vontade de experimentar, é normal, não? Há um momento em que queremos saber como é de verdade. O que eu quero dizer é que quando vemos cenas pensamos no que é que se sentirá.» É inútil tentarmos informar-nos sobre as suas referências cinematográficas, todos sabemos de que tipo de filmes Alexandre nos está a falar: «Toda a gente vê!» «De facto, perguntamo-nos: será que vou ser capaz?», é essa a verdadeira questão. «Capaz de quê?», pergunto-lhe. «Capaz de ter prazer!», exclama ele, antes de acrescentar de imediato: «E também de dar prazer, claro», como que para se redimir. São bons miúdos, ainda por cima simpáticos.

«Vocês não dizem nada, meninas?» Tinham ficado em silêncio; tento fazê-las reagir, mas em vão. «Elas concordam connosco, doutora», interrompe Baptiste, «só que não se atrevem a dizer nada porque têm medo de ficar com má reputação! A verdade é que um

rapaz que se deita com muitas raparigas é fantástico, uma rapariga que se deita com vários rapazes é uma porca!» Resignadas, as raparigas encolhem os ombros: «É a força do hábito, doutora, é assim», explica-me Lisa. A aluna da primeira fila conclui: «Há um ditado que diz que uma chave que abre todas as fechaduras é uma boa chave. Uma fechadura que se deixa abrir por todas as chaves é uma má fechadura. É tudo.»

Em suma, esta quarta-feira de manhã vou estar com uma turma do décimo ano. Tenho à minha frente os nossos irmãos e irmãs mais novos, os vossos filhos e os vossos netos. A cena tem lugar num grande liceu de Paris: trata-se da nata da sociedade, dos herdeiros incontestáveis da cultura francesa, da futura elite da nação.

Fito-as, incrédula. Por trás do seu aspeto de rapariguinhas brilhantes e livres para escolher o seu destino, estas adolescentes deixam-se apelidar de «mercadoria», «cobaia», «porca» e «fechadura» sem pestanejar. Acostumadas a esta maneira de falar, acabaram por interiorizá-la. Não se pode ser mais dócil! Quanto aos rapazes, chegaram facilmente à conclusão de que devem ter um bom desempenho para serem bem-sucedidos na sua vida sexual, mesmo que isso signifique pôr de lado, de repente, a sua boa educação em relação aos outros, sobretudo às mulheres. A busca do prazer justifica o recurso a todos os meios para o alcançar, serem iniciados, mediante a pornografia, nos trabalhos práticos com aquelas que a isso se sujeitarem. Elas têm a mesma vontade de se aperfeiçoar na arte de desfrutar. Na verdade, eles aplicam-se de facto, desejosos de um bom desempenho. São bons alunos, e é isso que se revela interessante.

Com efeito, passaram cinquenta anos desde a famosa revolução sexual, aquela que emancipou as mulheres do espartilho burguês e, ainda por cima, judaico-cristão. A revolução que pôs termo aos tabus. Aquela que rejeitou as proibições. Aquela que as abriu

a uma sexualidade desligada da procriação, permitindo a contraceção e o aborto, a mesma que encorajou «o amor livre», o prazer em primeiro lugar. Eu não a conheci. Tal como Théo, Alexandre e Lisa, nasci depois dela e cresci numa sociedade supostamente sexualmente liberta (como me tem sido dito). Nós pertencemos à segunda geração, somos os netos do Maio de 1968, os netos da revolução sexual.

Enquanto seus dignos herdeiros, recebemos um património cultural e ideológico que influenciou de modo considerável a nossa relação com o corpo, com a sexualidade, com a fecundidade e com o amor. Ao que parece, devemos regozijar-nos com isso, pois, no mundo, ainda continua a haver uma maioria de mulheres oprimidas pelo domínio masculino e de indivíduos que não podem viver a sua sexualidade como bem entendem. É um facto. Mas daí a orgulharmo-nos da nossa liberdade vai uma grande distância! Quando ouço rapazes comparar as mulheres a mercadoria, não sei ao certo se tenho vontade de glorificar o nosso modelo ocidental. De acordo, eles não as trocam por camelos, mas só porque não precisam: há raparigas que lhes prestam voluntariamente serviços sexuais, ao fundo do corredor, nas casas de banho da escola!

Ao fim de tantos anos, seria de esperar que o *peace and love* reinasse entre os jovens. No entanto, não são propriamente esses os termos que melhor qualificam a minha geração... O que, aliás, não admira. Desde o berço que nos têm assustado com a sida. Fomos engordados à força de imagens sexuais, alimentados ao biberão da pornografia, obrigada pela pressão! A pílula incapacitou algumas das nossas contemporâneas. Oh, nada de grave, apenas alguns acidentes cardiovasculares que deixaram, na sua esteira, paralisia, afasia e epilepsia, no melhor dos casos. Não terem apanhado uma doença ou uma infeção sexualmente transmissível é quase um milagre. Os nossos casais fracassam depois de terem jurado a

pés juntos que não dariam cabo deles como fizeram os nossos pais. Desde muito pequenos temos sido, por um lado, bombardeados com anúncios publicitários representando mulheres extremamente sensuais que provocam, permanentemente, as nossas pulsões sexuais, e, por outro, suportamos um discurso feminista que nos exorta a não tratar as mulheres – ou de não nos deixarmos tratar, enquanto mulheres – como objetos sexuais. Devemos ser bem-sucedidos na vida profissional, ser bem-sucedidos na vida sexual, ser bem-sucedidos enquanto casal, ser bem-sucedidos com o nosso bebé, porque precisamos de alcançar a felicidade: sim, ser felizes, é essa a nossa obrigação. Então, não, não somos *peace* e ainda menos *love*: somos uma geração de angustiados!

Que fizemos nós da libertação sexual? Sou eu que vos pergunto a vocês! Será que podíamos fazer outra coisa com uma tal herança? A partir de agora, o sexo liberto tornou-se ansiogénico. Sentimo-nos sufocar, tal como os nossos antecessores se sentiam confinados pelas proibições. Sendo livres, estamos condenados a escolher continuamente a nossa vida. Tudo se tornou objeto de uma escolha, desde a nossa orientação sexual aos nossos filhos, desde os nossos amores à nossa contraceção. E essa escolha compete-nos inteiramente a nós. Nos livros de filosofia, a ideia parece sedutora. Na realidade, porém, é necessário saber gerir a pressão que este tipo de liberdade gera! Entre as belas ideias da segunda metade do século xx e a realidade dos verdadeiros protagonistas da verdadeira vida, o fosso alarga-se de modo considerável. Porventura estamos dispostos a olhar de frente para aquilo que a nossa sociedade ocidental tem produzido em termos de impasses e de angústias? É o que devemos fazer, se quisermos corrigir o passo e acompanhar o melhor possível as futuras gerações.

O terreno está minado, como me preveniram. O campo da educação para a vida afetiva, relacional e sexual foi devastado por

vários anos de violentos combates ideológicos. Contudo, eu não os conheci. Nasci com o direito à contraceção e ao aborto, não participei nesses debates. Quanto ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, tinha dezanove anos quando ele passou como uma carta metida no correio no meu país, a Bélgica, e vivia em Nova Iorque quando a França se digladiou sobre essa questão. Não tive de enfrentar esse desafio. Quando cheguei a Paris, no verão de 2013, essa batalha tinha terminado. No entanto, mal pisei o solo francês, um grande estabelecimento escolar parisiense propôs-me que tomasse a meu cargo essa dimensão da educação dos seus alunos, consciente da respetiva urgência.

Há mais de dez anos que trabalho no estaleiro da formação dos jovens e no acompanhamento de pessoas em Paris e Nova Iorque, passando por Bruxelas. Na medida do possível, tenho tentado evitar as armadilhas. Por onde passei, sempre tentei abrir espaços de diálogo e de reflexão sobre os desafios da vida afetiva, relacional e sexual. Tenho feito falar milhares de adolescentes e de jovens adultos, provocando-os, incitando-os a sair das suas trincheiras, a fim de os fazer crescer em liberdade. Cada uma das suas perguntas, das suas confidências e dos seus comentários me enriquece. Trabalhar diariamente com os jovens não dá repouso nenhum, não produz qualquer autossatisfação: põe-nos continuamente em questão. No meu consultório abundam as confissões. O segredo faz soltar as línguas, e – santo Deus! – elas seriam capazes de comover os mais empedernidos!

Intervenho como uma irmã mais velha que compreende perfeitamente os mais novos, embora deva confessar que atualmente nos confrontamos com fenómenos completamente novos. A internet, por exemplo: quando eu era adolescente, esta não era ilimitada. Parece não fazer diferença, mas fá-la, e de que maneira, porque a pornografia não era acessível como hoje o é. Havia um computador

para toda a família, ainda por cima no meio da casa, num lugar de passagem permanente. Todavia, quando, há dias, os meus alunos de dezasseis anos arvoraram grandes ares para explicar que «não havia *smartphones* no colégio», deduzi que, sob esse aspeto, nunca se envelheceu tão depressa! As evoluções tecnológicas aceleram as mudanças culturais, produzindo um efeito amplificador.

Com este ensaio, quero simplesmente levar-vos a olhar a nossa sociedade através dos meus três postos de observação. O primeiro é o de uma jovem mulher de trinta anos, esposa e mãe de três filhos. O segundo é o de uma pessoa encarregada da educação para a vida afetiva, relacional e sexual dos adolescentes há mais de dez anos. O terceiro, finalmente, situa-se no meu consultório, onde homens e mulheres me procuram para me confiar o seu sofrimento e pedir que os acompanhe através das provas da sua vida. Mediante testemunhos e histórias, todas elas verídicas, gostaria de vos mostrar aquilo que vejo, de vos fazer escutar aquilo que escuto, de partilhar convosco aquilo que tenho vivido para vos permitir, pelo menos enquanto durar a leitura, sair do molde dentro do qual crescemos, para observar tudo com um olhar diferente.

No fundo, este livro é um convite a exercer a própria liberdade de pensamento e talvez – quem sabe? – faça germinar outras formas de estar no mundo.